

OSTECTOMIA CUNEIFORME DA TÍBIA NA CORREÇÃO DA RUPTURA DO LIGAMENTO CRUZADO CRANIAL ASSOCIADO AO DESVIO DE PLATÔ

MSC. Cristina Mendes Batista COSTA

Médica Veterinária, Doutoranda em Cirurgia Veterinária, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), UNESP-Jaboticabal

Prof. Dr. COSTA, Jorge Luiz Oliveira

Médico Veterinário, Docente - Associação Cultura e Educacional de Garça, Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal – FAEF

Prof. Dr. PADILHA FILHO, João Guilherme

Médico Veterinário, Docente - Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), UNESP-Jaboticabal,

Rodrigo Constantino MIGUEL

Fernando Alonso SHIMIZU

Discente – Curso Medicina Veterinária da Associação Cultura e Educacional de Garça - FAEF

RESUMO

O presente trabalho avaliou, a longo prazo, a eficiência da ostectomia cuneiforme da tibia no tratamento da ruptura do ligamento cruzado cranial associado ao desvio de platô. Para tanto, a técnica proposta foi realizada em nove cães jovens com ruptura do ligamento cruzado e desvio do platô tibial. Desses animais, dois já haviam sido operados por meio de técnicas cirúrgicas convencionalmente empregadas para tratar a ruptura do ligamento cruzado, porém o material de estabilização se rompeu devido a sobre sobrecarga proporcionada pelo desvio no platô e houve recidiva da instabilidade articular e da claudicação. No presente trabalho, ao se realizar a ostectomia cuneiforme, observou retorno da função total do membro, após dois meses, em todos os animais e ausência de recidiva da sintomatologia. A única complicação verificada foi a formação de seroma, resolvida por drenagem e prolongamento da antibioticoterapia. Os resultados permitem concluir que: ostectomia cuneiforme da tibia, isoladamente, melhora a estabilidade da articulação a médio e a longo prazo, e devolve a marcha normal aos animais, não necessitando da realização de técnicas de estabilização coadjuvantes.

Palavras-chave: Ruptura do ligamento cruzado cranial, joelho, cães, cirurgia.

1. INTRODUÇÃO

Os ligamentos cruzados, cranial e caudal, dão estabilidade ântero-posterior a articulação do joelho e evitam a rotação interna exagerada da tibia em relação ao fêmur. Cães adultos, de quatro a cinco anos de idade, de raças grandes e atléticos, por vezes, durante o exercício, sofrem hiperextensão articular que, eventualmente, promove a ruptura do ligamento cruzado cranial e, conseqüentemente, instabilidade articular e claudicação do tipo pisar em ovos (SINGLETON, 1969). O diagnóstico definitivo dessa afecção é feito por meio de exame ortopédico, denominado movimento de gaveta. Quanto há ruptura do ligamento cruzado, existe instabilidade ântero-posterior e o movimento de gaveta é positivo, por outro lado, em joelhos estáveis, esse teste é negativo. Nessa situação, para promover melhora clínica duradoura e estabilização articular, há necessidade de realização de procedimento cirúrgico, intra ou extra-capsular (CAPORN e ROE, 1996; MOORE e READ, 1996). Entretanto, o prognóstico para cães jovens, de um a um ano e meio de idade, com ruptura do ligamento cruzado e submetidos às técnicas cirúrgicas convencionais é bom somente a curto prazo, pois há recrudescência da sintomatologia a médio prazo, ao redor de três meses, em conseqüência da ruptura do implante utilizado (SLOCUM e DEVINE, 1984; DENNY, 1993). Por meio da análise biomecânica da articulação do joelho desses animais, pode-se perceber que a ruptura ligamento cruzado cranial decorre de sobrecarga ligamentar contínuo ocasionada pelo desvio do platô da tibia. Uma vez que o ângulo de inclinação normal entre o eixo longitudinal da tibia e seu platô é ao redor de 69,5°, quando esse valor está diminuído, há maior tendência da tibia deslocar-se cranialmente, sobrecarregando o ligamento cruzado cranial e promovendo sua ruptura de forma precoce (VAUGHAN, 1976).

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho teve como objetivo avaliar o efeito da ostectomia cuneiforme da tibia em cães jovens com ruptura do ligamento cruzado cranial associado ao desvio do platô tibial. Para tanto, foram

empregados nove animais, quatro Rottweiler, quatro Pit Bull e um São Bernardo, de um a um ano e meio de idade com ruptura no ligamento cruzado cranial, diagnosticado por meio do exame ortopédico, teste de gaveta, e com desvio no platô da tíbia, verificado no exame radiográfico. Dois desses animais já haviam sido operados empregando-se técnicas convencionais, há quatro meses atrás, para tratar a ruptura de ligamento cruzado e apresentavam recidiva da sintomatologia. A técnica preconizada foi a ostectomia cuneiforme da tíbia para melhorar a angulação do platô tibial e, assim, melhorar a distribuição das forças sobre a articulação. Para Tanto, cada animal foi anestesiado, posicionado em decúbito dorsal sobre uma calha, realizou-se anti-sepsia da região com solução concentrada de polivinil pirrolidona e colocou-se os panos de campo. Em ato contínuo acessou-se a diáfise e epífise proximal da tíbia por meio de incisão cutânea no aspecto medial da perna, afastou-se o subcutâneo e o perióstio foi incisado com bisturi e deslocado do osso com auxílio do afastador apropriado. O segmento ósseo, em forma de cunha (mais largo no aspecto cranial), previamente definido no exame radiográfico, era delineado na tíbia com auxílio de furadeira munida de broca fina. A ostectomia propriamente dita foi processada com osteótomo e martelo, já a fíbula proximal foi fratura manualmente. Em seguida, os segmentos ósseos tibiais foram aproximados e a nova angulação foi mantida com o sistema de placas e parafusos confeccionados com o aço inoxidável da série 304L. O subcutâneo e a pele foram suturados de forma rotineira. Para se evitar infecções, realizava-se antibioticoterapia com enrofloxana na dose de 5mg/kg, um vez ao dia, por sete dias. Empregou-se como antiinflamatório o flunixin meglunine na dose de 1mg/kg, uma vez ao dia, por três dias. Não se utilizava nenhum tipo de imobilização externa adicional e a atividade física do animal foi limitada por 40 dias. O primeiro animal foi operado a mais de quatro anos e o último a mais de um ano e meio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dois animais desenvolveram seroma na região de ostectomia e para resolver o problema foram removidos os dois pontos mais baixos da linha de sutura. O líquido sero-sanguinolento foi drenado e a antibioticoterapia foi prolongada só foi interrompida três dias após parar de sair secreção do local, em média, por 25 dias, para se evitar infecções. Nos outros animais, a ferida cicatrizou normalmente e os pontos foram removidos em 10 dias. No pós-operatório imediato, os animais apresentavam claudicação discreta e evoluíram para normalidade da marcha em dois meses, permanecendo assim até o presente momento. Esses achados vão ao encontro com os dados da literatura que descrevem a ostectomia de nivelamento como sendo o procedimento mais eficiente no tratamento da ruptura do ligamento cruzado associado ao desvio do platô da tíbia (SLOCUM e DEVINE, 1984; DENNY, 1993).

4. CONCLUSÕES

Os resultados do trabalho permitem concluir que: a ruptura do ligamento cruzado cranial, em animais jovens, muitas vezes está associada ao desvio do platô da tíbia; quando existiu desvio do platô, as técnicas convencionais não apresentaram bons resultados a longo prazo e; ostectomia cuneiforme da tíbia, isoladamente, melhora a estabilidade da articulação a médio e a longo prazo, não necessitando da realização de técnicas de estabilização coadjuvantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DENNY, H. R. **A Guide to canine and feline orthopaedic surgery**. Ed. Blackwell Scientific Publications, Oxford, 1993. p. 402.
- SLOCUM, B.; DEVINE, T. Cranial wedge osteotomy: a technique for eliminating cranial tibial thrust in cranial cruciate ligament repair. **Journal of the American Veterinary Association**. 184, p.564-9, 1984.
- VAUGHAN, L.C. Growth plate defects in dogs. **Veterinary Record**, 98, p.185-9, 1976.
- SINGLETON, W. B. Evaluation of surgical correction of stifle deformities in the dog. **Journal small Animal practice**, 10, p.59-63, 1969.
- CAPORN, T.M.; ROE, S.C. Biomechanical evaluation of the suitability of monofilament nylon fishing and leader line for extra-articular stabilisation of the canine cruciate-deficient stifle. **Veterinary and Comparative Orthopedics and Traumatology**. v.9, p.126-33, 1996.
- MOORE, K.W.; READ, R.A. Rupture of cranial cruciate ligament in dogs – Part II. Diagnosis and management. **Compendium on Continuing Education for the Practicing Veterinarian**. V.18, n.4, p.381-91, 1996.